

» FOCO

Em busca de alternativas, comunidades investem em castanha e chocolate

Renda via extrativismo ajuda a preservar a floresta ao oferecer alternativas à madeira e ao gado; logística na região é entrave

DOS ENVIADOS AO SUDOESTE DO PARÁ

Não é só madeira, ouro e gado que circulam pela Transamazônica paraense.

Sob potentes ares-condicionados, uma fábrica está transformando em chocolate parte do cacau de Medicilândia, cidade a 537 km em linha reta de Belém, o maior produtor nacional da fruta.

Perto de Uruará (a 635 km de Belém, em linha reta), a castanha-do-pará já sai da floresta embalada, e pequenos agricultores complementam a renda vendendo farinha de babaçu para escolas municipais.

Com o bombom de cupuaçu como carro-chefe, a cooperativa Cacaaway funciona há seis anos às margens da rodovia, em Medicilândia.

Matéria-prima não falta: no ano passado, o município, que tem um dos solos mais férteis da Amazônia, produziu quase 42 mil toneladas, o triplo da segunda colocada, a mais famosa Ilhéus (BA).

Atualmente, apenas a cooperativa, com 40 sócios e 15 funcionários, fabrica chocolate na região. Os números são ainda modestos: a unidade processa cerca de 22 toneladas de cacau/ano, e a produção é vendida apenas nas seis lojas próprias espalhadas pelo Estado do Pará.

Apesar da pequena escala, o dirigente da Cacaaway e ex-vereador de Medicilândia, Ademir Venturin, afirma que a cooperativa indica caminhos alternativos e mais sustentáveis para a cidade, cuja receita vem quase toda de repasses (93%) e amarga o 5.245º lugar (de um total de 5.281) no ranking de eficiência da **Folha** (REM-F).

“Está testado: é possível garantir agricultura familiar, ter atividades que vivem harmoniosamente com o meio ambiente, gerar emprego e renda, fixar o homem no campo e oferecer resultados de cacau e chocolate com agregação de valor excelente.”

No campo ambiental, os defensores do cacau afirmam que, embora o plantio seja em áreas desmatadas, o cultivo, perene, é menos agressivo do que culturas como a cana, a fracassada aposta inicial para a região.

Não há uso do fogo e, por

causa da necessidade de sombreamento da planta, o reflorestamento é praticamente obrigatório.

USINA DA FLORESTA

Não é fácil chegar à comunidade Rio Novo, na Reserva Extrativista (Resex) do rio Iriri. Depois de duas horas de carro em estrada precária, são necessários outros 40 minutos de barco até um punhado de casas cercadas pela mata. É ali que, há seis anos, funciona uma miniusina de produtos da floresta, com a castanha-do-pará de carro-chefe.

O projeto, apoiado pelo ISA (Instituto Socioambiental), conseguiu contornar dois problemas históricos do extrativismo: contratos diretos com o mercado, nos quais elimina o atravessador, e o beneficiamento do produto dentro da reserva, o que gera renda na comunidade.

“Com o processamento, melhorou muito para as famílias da comunidade. Antes, era só no peixe, mas não estava dando renda porque não estavam pegando, e hoje o pessoal se sente mais à vontade com a castanha”, afirma Raimunda Rodrigues, 27, nascida e criada em Rio Novo.

Além da família de Raimunda, a miniusina emprega oito funcionários de comunidades vizinhas, que complementam a renda com Bolsa Família. A quebra da castanha é feita com a ajuda de máquinas de fazer bôto adaptadas.

Depois de processada, é colocada em embalagens plásticas e transportada de barco e carro até Altamira (PA), jornada de aproximadamente 300 km.

A reserva do rio Iriri faz parte da Terra do Meio, um conjunto de áreas protegidas contíguas que, somadas, chegam a 8,5 milhões de hectares —pouco maior do que todo o território da Áustria. A região inclui ainda três terras indígenas e o Parque Nacional da Serra do Pardo, entre outras áreas protegidas.

Para ambientalistas, a geração de renda via extrativismo ajuda a preservar a floresta ao oferecer a ribeirinhos e índios alternativas à madeira e à criação de gado.

Críticos, no entanto, afirmam que a atividade é inviá-

vel pela escala pequena e pelas dificuldades de trabalho e logísticas na região. (FABIANO MAISONNAVE E LALO DE ALMEIDA)

F Veja o especial em folha.com/transamazonica



Trabalhador colhe cacau em plantação em Medicilândia, no Pará, maior produtor do país



Fábrica da cooperativa de chocolate em Medicilândia